

Resenha | Utopia, feminismo e resignação em *The Left Hand of Darkness* e *The Handmaid's Tale* (2015) de Ana Rüsche

**Willian Perpétuo Busch**

Publicado originalmente em: <http://scriptoriumm.com/2019/07/tese-ana-rusche/>

10/07/2019

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em *The Left Hand of Darkness* e *The Handmaid's Tale***. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

*Utopia, feminismo e resignação em *The Left Hand of Darkness* e *The Handmaid's Tale** foi a tese de doutorado escrita por Ana Rüsche e defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e Linguísticos em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Rüsche (2015) dividiu a sua tese em seis capítulos. O primeiro, de cunho introdutório, abordou a relação entre utopia e feminismo, apresentou o contexto de produção da pesquisa e abordou, brevemente, os aspectos gerais da vida e obra de Le Guin e Atwood. O segundo capítulo teve como foco *A Mão Esquerda da Escuridão* (1969), enquanto o terceiro se centrou em *O Conto de Aia* (1985).

O quarto capítulo avançou uma discussão sobre o lugar do gênero em cada uma das obras, bem como a relação destas com a tradição literária e as teorias feministas. O quinto capítulo se desprende da historiografia e desenvolveu com maior detalhe tais

problemáticas dentro das obras literárias referidas. Por fim, o breve sexto capítulo, serviu para reforçar as críticas de Rüsche aos trabalhos de Le Guin e Atwood e o quanto estas estavam inscritas numa cultura de massa.

A problemática que moveu a tese de Rüsche foi sintetizada pela autora logo nas páginas iniciais. Tratava-se de se perguntar por que as obras de Le Guin e Atwood apresentam formas fracassadas de utopia? Ou, “qual o motivo de não se conseguir imaginar o mundo perfeito se, ao mesmo tempo, este desejo não sai da ordem do dia?”. (RÜSCHE, 2015, p. 12)

Mobilizando Fredric Jameson e, apenas indiretamente, Darko Suvin, Rüsche pontuou que as utopias do século XX não conseguem ir além do modelo social capitalista. Nesse momento, uma primeira caracterização de Le Guin, como pertencente a uma esquerda libertária ecologista, e Atwood como inscrita no liberalismo democrático apareceu. O que tais definições significam e de onde surgiram não é informado. Rüsche argumentou que ambas autoras fizeram “uso do melodrama”, bem como tornaram central a questão subjetiva. Em síntese, “ressaltam nossa incapacidade de imaginar outras formas possíveis de organizar a sociedade”. (RÜSCHE, 2015, p. 20)

O segundo capítulo, que tem como título *The Left Hand of Darkness: Utopia e imaginação*, explica o conceito de “ciclo hainiano” de Le Guin e identifica “um dos eixos temáticos”. A saber, “a exploração econômica entre planetas e sistemas planetários de desenvolvimento desigual”, bem como “os resultados do colonialismo e de outras formas de dominação econômicas”. (RÜSCHE, 2015, p. 25)

Rüsche apontou que a obra de Le Guin recebeu três etapas críticas. A primeira, na década de 1970, tratou da questão colonial e política; a segunda entre 1980 e 2000, teria se focado no gênero; e a terceira, a partir de 2000, seria uma síntese do que havia sido feito anteriormente.

Para o primeiro recorte, Rüsche mencionou os trabalhos de Ian Watson, David Barbour, Jameson, Martin Bickman e John Huntington. Para Rüsche, estas interpretações centravam-se no âmbito político da autora. Já a década de 1980 começou com Ellen Morgan e Peter Fitting, que teriam sido sensíveis às demandas feministas para desenvolver as suas leituras. O terceiro grupo seria exponenciado por Brian Attebery e Patricia Melzer, e teria um viés híbrido.

A discussão conceitual teve como sequência um resumo do texto de Le Guin. O capítulo se encerrou com novas informações, indicando quando a obra foi lançada. O terceiro capítulo focou-se em *The Handmaid's Tale*, mas inovou em relação à sessão anterior, e iniciou com a apresentação da obra. A segunda etapa de Rüsche foi apresentar alguns dos nomes da crítica sobre Atwood, seguido duma abordagem histórica e se encerrou com informações sobre a publicação do texto.

O quarto capítulo adentrou no âmbito do feminismo. A comparação que foi feita tratou de como as duas obras construíram e apresentam o gênero. A mobilização da história somou-se com a apresentação da segunda onda feminista, bem como alguns dos seus expoentes teóricos. Le Guin e Atwood foram, cada uma em seu turno, interpretadas, sendo que a segunda acabou por ter um espaço de desenvolvimento textual ligeiramente maior que o da primeira.

O quinto capítulo, *Forma, funções ideológicas e impulsos subjacentes*, partiu do lugar do romance na história, seguido duma análise teórica fomentada por Jameson e pela Escola de Frankfurt. Rüsche defendeu que Le Guin e Atwood eram reféns da Indústria Cultural:

*[Le Guin] é livro vendido em banca de jornal, e oscila entre a linguagem científica, que pega por empréstimo da antropologia e da astronomia, até momentos de pieguice sobre um amor entre alienígenas. [Atwood] é um best-seller cuja linguagem apresenta também oscilações – desde o uso do tom confessional, lições de autoajuda, piadinhas e cenas de suspense. As oscilações entre essas linguagens e uso de subgêneros, muito tidos como subalternos diante do panteão modernista, parecem configurar uma formulação própria aos livros, como se a falta de um gênero preponderante, a ausência de um estilo único e essas oscilações constituíssem exatamente a noção de forma desses romances. (RÜSCHE, 2015, p. 96)*

O quinto e o sexto capítulo visaram aprofundar o âmbito do gênero para encaminhar e concluir a discussão, adjetivando tanto Le Guin quanto Atwood como “fracassos imaginativos”. (RÜSCHE, 2015, p. 115)

## Crítica

O primeiro capítulo tem dois problemas centrais. O primeiro se constitui, em termos metodológicos, na dependência aos trabalhos de Jameson. Entendendo que a tese visava pensar na utopia dentro da literatura ficcional, a ausência de nomes clássicos, bem como da crítica especializada, é evidente.

As reflexões de Isaiah Berlin (2013) e Karl Mannheim (1979) poderiam auxiliar a autora a refinar o seu argumento num nível mais geral. Já Lyman Tower Sargent (1976), Tom Moylan (2003) e J.O. Bailey (1947) viabilizaram um engajamento maior com a tradição literária e permitiram que a autora pudesse identificar quais as especificidades

de Le Guin e Atwood. Suvin, apesar de ser mencionado ocasionalmente, foi abordado apenas superficialmente.

O segundo problema do primeiro capítulo está na inserção e justificativa da pertinência do trabalho dentro dos estudos feministas e que é atravessado por dados contextuais e biográficos das autoras que não fornecem ao leitor um conjunto informacional aproveitável, pois são breves e incompletos.

O segundo capítulo, que teve como foco Le Guin, foi inventivo em sua proposta de recorte para diferentes interpretações teóricas em temporalidades específica. Todavia, tais categorias não se sustentam quando analisadas com detalhes. Por exemplo, o primeiro grupo que foi definido por Rüsche como estritamente político não procede.

Rüsche menciona Ian Watson, mas não se atenta ao fato que este, em 1975, publicou dois textos no *Science-Fiction Studies* sobre Le Guin. O primeiro tinha como título *Le Guin's Lathe of Heaven and the Role of Dick: The False Reality as Mediator* e apareceu no primeiro número do segundo volume. O segundo, *The Forest as Metaphor for Mind: "The Word for World is Forest" and "Vaster than Empires and More Slow"* e saiu no terceiro número do segundo volume. Rüsche, na lista das referências, mencionou apenas o primeiro. Entretanto, o argumento de cunho político que a autora faz referência estava no segundo e não no primeiro. (WATSON, 1975a, 1975b)

John Huntington (1975), sintetizado por Rüsche, como interessado na relação entre público e privado, foi muito além. A sua análise partiu duma caracterização do herói, demonstrando qual o papel do cientista e a sua vivência em duas culturas e, portanto, em dois mundos diferentes. O aspecto público e privado são pensados a partir disto.

Outra menção de Rüsche foi Barbour (1974, 1975), para o qual Le Guin postulava uma ideia de cultura heterogênea, holista, dual e que relativiza a noção de verdade. O que sugere, quase diretamente, que a política que se colocava em cena não visava ser refém, ou mimetizar, os padrões capitalistas. Ao contrário, tratava-se doutra forma de se relacionar e aprender, mas Rüsche não se engajou nessa possibilidade.

Novamente a tese se mostra problemática e desconsidera outros trabalhos sobre Le Guin. Nomes como Martin Bickman (1977), Alex Eisenstein (1976), James W. Bittner (1978), Charles Nicol (1977), David L. Porter (1975), Robert Plank (1976), Donald F. Theall (1975), Anthony Wolk (1976), Brian Aldiss (1973; 1988), David Ketterer (1974), George Slusser (1976), e nem mesmo Le Guin (1975), foram abordados ou discutidos.

Os dois recortes como categorias são extremamente frágeis pois as ausências dos nomes acima prejudicam o desenvolvimento teórico da tese. A questão do gênero assumiu centralidade na década de 1980, mas sendo fruto de discussões que se iniciaram na década anterior. A posição de Le Guin, inclusive, mudou ao longo de sua escrita e colocar isso em primeiro plano é fundamental.

O resumo de Le Guin feito por Rüsche aparentemente visou expor uma apresentação geral da literatura em questão. Todavia, em momentos pontuais a autora faz incursões que se desprendem da lógica estrutural para oferecer curiosidades históricas: a Guerra do Vietnã, a relação da IBM com o Nazismo e até a situação econômica contemporânea da editora que publicou Le Guin.

O terceiro capítulo, ao começar com a apresentação geral da obra, para depois propor um engajamento com o contexto histórico, tem resultados positivos. Entretanto, Rüsche insiste em lançar informações que deveriam ter aparecido no início e não na conclusão do trabalho.

O quarto capítulo, o melhor de toda a tese, propõe uma interpretação de Le Guin que teria validade caso fosse produzida mediante as menções teóricas que fizemos há pouco. Como isso não acontece, Rüsche abusa do anacronismo e força uma interpretação que se distancia da obra literária, tanto em termos estruturais quanto históricos.

Concordamos com Rüsche quando afirma que “o romance fracassa em conceber um padrão imaginativo além do heteronormativo” e Le Guin admitiu, posteriormente, esse problema.

Porém, discordamos que Le Guin foi responsável por deixar “o seu leitor em uma posição tão deslocada quanto o narrador ante os alienígenas”, que significaria uma “alteridade sem efetivamente descrevê-la ou delimitá-la”. (RÜSCHE, 2015, p. 80)

Ao contrário, a obra em sua totalidade é um esforço de construção, descrição e de relação com outrem, de forma que o problema nunca esteve no gênero dos alienígenas, mas nas limitações do antropólogo diante daquele mundo.

No quinto capítulo, o argumento que reduziu Le Guin e Atwood ao âmbito da Indústria Cultural tem uma sonoridade que beira o delírio. Como afirmamos, a ausência

dum desenvolvimento teórico robusto, bem como a desconsideração a respeito de outras possibilidades críticas, enquadram e limitam a contribuição geral de Rüsche.

Le Guin, ao vender o seu livro em banca de jornal, estava tornando viável uma carreira como escritora que não se resumiu a isso. O papel de Le Guin como uma jovem mãe, que havia abandonado o doutorado, sequer é mencionado por Rüsche. Ter ao menos como panorama o que significava ser uma autora mulher num campo literário dominado por homens era o mínimo que esperávamos ter sido feito por Rüsche.

Le Guin não estava tomando conceitos da antropologia de forma banal. A sua trajetória de vida, sendo filha de Alfred Kroeber e participando, ao menos indiretamente, da construção da disciplina de Antropologia nos Estados Unidos, era um elemento que perpassa na sua literatura. Rüsche não tematiza isso, o que esterilizou a sua tese.

Por fim, apesar da tese de Rüsche trabalhar com autoras fundamentais para a Ficção Científica e para a literatura especulativa no geral, como Le Guin e Atwood, o resultado foi pouco produtivo. O que o trabalho demonstra é que os estudos brasileiros no campo em questão ainda têm um longo caminho a ser percorrido e que precisam, urgentemente, recusar tomar como ponto de partida leituras e interpretações reducionistas e generalistas.



## Referências

- ALDISS, B. W. **Billion Year Spree – The True History of Science Fiction**. New York: Doubleday & Company, 1973.
- ALDISS, B.; WINGROVE, D. **Trillion Year Spree: The History of Science Fiction**. London: Paladin Grafton Books, 1988.
- BACCOLINI, R.; MOYLAN, T. (EDS.). **Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination**. New York & London: Routledge, 2003.
- BAILEY, J. O. **Pilgrims Through Space and Time: Trends and Patterns in Scientific and Utopian Fiction**. New York: Argus Books, 1947.
- BARBOUR, D. Wholeness and Balance in the Hainish Novels of Ursula K. Le Guin. **Sci. Fict. Stud.**, v. 1, n. 3, p. 164–173, 1974.
- BARBOUR, D. Wholeness and Balance: An Addendum. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 248–249, 1975.
- BERLIN, I. The Decline of Utopian Ideals in the West. In: HARDY, H. (Ed.). **The Crooked Timber of Humanity – Chapters in the History of Ideas**. Princeton: Princeton University Press, 2013. p. 21–50.
- BICKMAN, M. Le Guin's the Left Hand of Darkness: Form and Content. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 42–47, 1977.
- BITTNER, J. W. Persuading Us to Rejoice and Teaching Us How to Praise: Le Guin's "Orsinian Tales". **Science Fiction Studies**, v. 5, n. 3, p. 215–242, 1978.
- EISENSTEIN, A. On Le Guin's "American SF and the Other". **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 97, 1976.
- HUNTINGTON, J. Public and Private Imperatives in Le Guin's Novels. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 237–243, 1975.
- KETTERER, D. **New Worlds for Old – The Apocalyptic Imagination, Science Fiction and American Literature**. Indianapolis: Indiana University Press, 1974.
- LE GUIN, U. K. American SF and the Other. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 208–210, 1975.
- MANNHEIM, K. **Ideology and Utopia**. London: Routledge, 1979.
- NICOL, C. Finding Le Guin's Right Hand. **Science Fiction Studies**, v. 4, n. 1, p. 86–86, 1977.
- PLANK, R. Ursula K. Le Guin and the Decline of Romantic Love. **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 36–43, 1976.
- PORTER, D. L. The Politics of Le Guin's Opus. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 243–248, 1975.
- RÜSCHE, A. **Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale**. Tese de Doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

SARGENT, L. T. Themes in Utopian Fiction in English before Wells. **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 3, p. 275–282, 1976.

SLUSSER, G. E. **The Farthest Shores of Ursula K. Le Guin**. New York: Borgo Press, 1976.

THEALL, D. F. The Art of Social-Science Fiction: The Ambiguous Utopian Dialectics of Ursula K. Le Guin. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 256–264, 1975.

WATSON, I. The Forest as Metaphor for Mind: “The Word for World Is Forest” and “Vaster than Empires and More Slow”. **Science Fiction Studies**, v. 2, n. 3, p. 231–237, 1975a.

WATSON, I. Le Guin’s Lathe of Heaven and the Role of Dick: The False Reality as Mediator. **Science Fiction Studies**, v. 2, p. 67–75, 1975b.

WOLK, A. On the Le Guin Issue. **Science Fiction Studies**, v. 3, n. 1, p. 95–96, 1976.

Referência para citação:

BUSCH, Willian Perpetuo. Utopia, feminismo e resignação em *The Left Hand of Darkness* e *The Handmaid’s Tale* (2015) de Ana Rüsche. **Scriptoriumm**, 2019. Disponível em: <<http://scriptoriumm.com/2019/07/tese-ana-rusche/>>.

DOI: 10.13140/RG.2.2.30480.15366